



Projeto de Voto de Pesar n.º 108/XV

Pelas vítimas de violência doméstica

Sara, 45 anos. Baleada na cabeça, à porta de casa, em São Domingos de Rana pelo ex-companheiro. A vítima já tinha apresentado queixas na PSP devido a ameaças de morte depois de ter pedido o divórcio e tinha um dispositivo de alerta. O agressor acabou por cometer suicídio. Um menor ficou órfão.

Assunção, 78 anos. Encontrada morta em casa, em São Martinho, foi agredida pelo neto de 31 anos, que vivia com ela. O agressor já tinha tentado asfixiar a avó por esta lhe recusar dinheiro e insistir para que arranjasse emprego.

Sílvia, 45 anos. Morta a tiro por uma caçadeira à porta de uma fábrica de calçado em Refontoura, pelo ex-marido, com quem foi casada durante 20 anos. Estavam separados há dois anos, mas o ex-companheiro recusava a formalização do divórcio. Uma semana, o agressor já havia tentado esfaquear Sílvia.

Celestina, 52 anos. Morta dentro do carro, em Escariz, com um tiro na cabeça, pelo ex-marido, com quem vivera durante 27 anos e de quem estava separada há quatro meses. O homicida tentou matar-se em casa, ao pé dos seis filhos, mas a arma não disparou. Há cerca de três meses, Celestina já havia apresentado queixa contra na GNR.

Sónia, 33 anos. Baleada com três tiros de pistola pelo marido, nos arredores de Ponte de Lima, depois de levar os dois filhos, de 12 e 3 anos, à escola. O homicida tentou depois suicidar-se, mas sobreviveu. Foi detido pela PJ depois de ter alta hospitalar. Já havia antecedentes de violência contra os sogros.

Marta, 47 anos. Foi baleada duas vezes na cabeça pelo marido numa rua de Barcelos quando saiu de casa da mãe para ir trabalhar. O homicida suicidou-se após o crime numa rua próxima. Marta já tinha apresentado, em março, uma queixa por violência doméstica.

Lucília, 55 anos. Foi esfaqueada e estrangulada no lugar de Penela, Arcos de Valdevez pelo ex-companheiro, que não aceitou a separação após dez anos juntos.

Silvana, 35 anos. Morta a tiro pelo marido, de 53 anos, que se suicidou de seguida. Os corpos do casal, de nacionalidade brasileira, foram encontrados em casa após o alerta de amigos e vizinhos que estranharam não os ver há alguns dias.

Sandra, 31 anos. Foi encontrada sem vida, nua, enrolada num edredão, num monte em Rio de Moinhos, Penafiel. A investigação da Polícia Judiciária permitiu reconstruir o crime e chegar ao homicida, o companheiro de 41 anos, com quem a vítima vivia há vários anos, desde que imigrara para Espanha. Encontravam-se em Portugal, porque o homicida tinha sido condenado em Espanha por violência doméstica contra Sandra, que perdeu um bebé devido às agressões. Perdoou-o e para evitar que fosse detido regressou com ele à terra. Os episódios de violência doméstica repetiram-se, ao ponto de Sandra ficar com várias costelas partidas,

ser arrastada na rua e ser dopada com medicação excessiva para não conseguir fugir. Terá sido morta por asfixia e escondida durante três dias na casa que partilhava com o companheiro.

Alda, 49 anos. Morta com dois tiros de caçadeira pelo marido, que se suicidou em seguida, com a mesma arma. O crime ocorreu nas vinhas da herdade do Hotel Club de Azeitão, em Setúbal, onde o casal trabalhava. Foi o neto, de 14 anos, que encontrou os corpos. As discussões eram frequentes, mas não se conheciam queixas às autoridades. Alda tencionava separar-se do marido e ir viver para a Bélgica.

Elsa, 44 anos. Morta a tiro, em Beja, pelo companheiro de 35 anos, na casa onde ambos viviam. O agressor, que aguarda julgamento no Estabelecimento Prisional de Beja, já tinha cumprido pena pelo crime de violência doméstica, cometido contra outra mulher numa anterior relação. Elsa tinha dois filhos, de 24 e 12 anos.

Jéssica, 3 anos. Esta criança morreu no hospital de São Bernardo, em Setúbal, não tendo sobrevivido aos maus tratos que terão sido infligidos. Estava referenciada pela CPCJ.

Estes são os nomes das mulheres e menina, vítimas mortais, que, nos primeiros seis meses deste ano, perderam a vida em contexto de violência doméstica, incluindo contra crianças. À data, Portugal regista já quase tantos casos de vítimas mortais como o total verificado no ano de 2021.

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) regista em média 54 casos de violência doméstica, por dia. Esta é apenas a face visível e que chega às notícias de uma guerra que se eterniza, em que o agressor é quase sempre homem e pessoa íntima, e o crime cometido entre quatro paredes. Em mais de metade dos casos há antecedentes de agressões e 40% das vítimas já haviam apresentado queixa contra o homicida. Este continua a ser um flagelo no nosso país. Continuamos a falhar todos, enquanto comunidade, quando perdemos vidas para a violência, incluindo a violência contra crianças.

Reunida em plenário, a Assembleia da República mostra o seu profundo pesar pela morte de todas as vítimas de violência doméstica e expressa as mais sentidas condolências aos seus familiares e amigos.

Assembleia da República, Palácio de São Bento, 23 de junho de 2022.

A Deputada,

Inês de Sousa Real